O CENTENÁRIO DA BIBLIOTECA

O formidável discurso do nosso director que nem convite arranjou. O livro dos livros. O Livro póstumo

Minhas senhoras e meus senhores. Lindíssimas representantes do belo sexo, e barbudíssimos espécimens do sexo oposto:

Vai falar-vos José de Artimanha, aquele célebre semi-careca, que tantas vezes vos tem feito tremer os tímpanos e as membranas do Eustáquio. Desculpai-o desde já. Vai falar-vos sôbre um assunto quási tão esgotado como as edições de todos os seus livros.

Vai falar-vos do livro, em si, mas não por música, do livro, êsse belíssimo condutor de obras tão baratas, tanto ao alcance do público, que quási se lhe pode chamar um condutor de obras públicas.

E neste dia em que se festeja no Pôrto o centenário da sua Biblioteca, falar do livro em geral é conduzir o público a uma ideia mais que alevantada. Mas falar do livro póstumo é qualquer coisa de mais grave do que o sr. Director desta casa centenária.

Meus senhores e minhas senhoras:

Para se entender bem um livro é necessário Le-lo. Mas para se entender um livro póstumo nem todos os editores englobados. Como sabem, um livro póstumo é um livro que o autor escreveu depois de morto: os «Lusíadas», por exemplo:

Ora, os mortos mandam, como é de uso dizer-se nos comícios, e a mim mandaram-me a incumbência de dizer alguma coisa acêrca disso.

Aqui estou no meu pôsto, que nesta altura e por coincidência curiosa não é um pôsto emissor.

Antes, porém, de entrar no verdadeiro assunto da minha conferência vou dizer a V. Ex.as alguma coisa dos livros em geral. porque esta coisa de bater nos mortos não é lá muito simpática, nem para o meu feitio, porque há mortos que parece mesmo que estão vivos.

Começarei por vos falar no *livro de mortalhas*, o que não fica fora de todo das diversas secções dos livros póstumos. Sim, minhas senhoras e meus senhores: O que é um livro de mortalhas? Em que se transforma? e o que é que lhe dá vida?

Um livro de mortalhas, é nem mais nem menos do que uma loja de armador: transforma-se em cinza e vive em fumo. Foi inspirado num livro de mortalhas que o ilustre escritor que é Augusto de Castro escreveu o seu livro «Fumo do meu cigarro».

Se em vez do fumo do seu cigarro, tivesse escrito «o fumo do seu charuto» já não seria um livro de mortalhas, mas sim um livro de fôlhas de tabaco o seu inspirador.

Um livro de mortalhas é, na literatura contemporânea, um dos raros exemplares que se saboreiam fôlha a fôlha, e do qual se despreza a encadernação.

Levem, porém, um dêstes livros à casa Fernando Machado e peçam-lhe uma encadernação de luxo! Verão depois como vale pelo menos um conto e quinhentos.

Em seguida passarei ao livro das compras, êsse livro igualmente póstumo, que as boas donas de casa, gostam de ver em branco, e que os mercieiros, padeiros, sapateiros, e todos os restantes *eiros* que nos consomem a vida e os dinheiros, gostam de ver em negro.

O que representa, minhas senhoras e meus senhores, de arrelias, de consumições e de desaguizados, cada linha a mais escrita nesse livro?

E para as apagar — ou por outra, para as pagar sòmente, quanto suor, quantos equilíbrios, quanta privação! Este livro, chama-se o livro de assentos, porque sôbre êle assenta às vezes a esperança de dias bem melhores. E' um livro que se vai escrevendo dia a dia, pela vida fora, e que só o dia 31 de cada mês consegue acalmar um pouco. O seu índice, é o índice do custo da vida; e o seu prefácio começa quási sempre por um quilo de batatas.

Na política, os livros preferidos são os de côr indefenida. E assim, encontramos quási sempre num facto importante da história, o livro branco e o livro negro. Estes livros, porém, teem uma qualidade indiscutível: todos os discutem, mas nunca ninguém os leu.

Destinam-se geralmente a dizer a verdade inteira, nua e crua; mas de ordinário, os brancos, desmaiam de tal forma que ninguém consegue ver-lhes as

letras; e os negros, ficam com uma côr tão carregada que lhes sucede o mesmo.

Como se a verdade fôsse coisa que se pudesse dizer ou escrever!? A verdade de cada vez se vai tornando mais intraduzível, porque o que não existe não tem definição. Em um livro, então, a verdade toma aspectos verdadeiramente impossíveis. No livro, a simplicidade para ser bela, tem de ser mentirosa; a sumptuosidade para ser sumptuosa tem de ser impossível.

Os únicos livros publicados nestes últimos tempos que teem alguma coisa de verdade, são os do Sr. Cunha da Raza, e o «segrêdo da minha confissão», de Alves dos Reis.

Há no comércio, vários livros póstumos também. Geralmente todos êles o são, porque em quási todos há as palavras Deve e Haver, e só se sabe o que há depois de morto, segundo reza a fábula:

«O negociante e o porco, depois de morto».

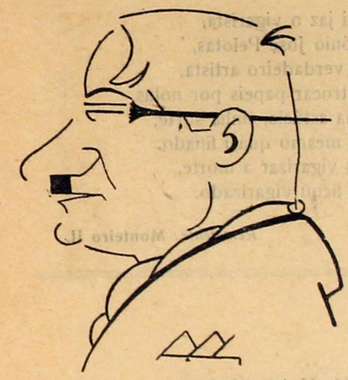
Façamos de conta, porém, que quási nunca há, ou que simplesmente Deve Haver, e vamos ao que importa:

Todos conhecem, ao menos por ouvir falar, o que é um *livro de actas*. E um livro tira-teimas, onde se deveria escrever tudo o que se diz, mas onde só se escreve aquilo que convém.

A's vezes não serve para nada e é daí donde vem aquela célebre frase, que se emprega a uma criatura que não presta: «Nem atas nem desastas».

O *Livro do Ponto*, é outro livro desgraçado. Trabalha sempre a meias com um relógio e marca a hora de entrada aos empregados que teem de rabiscar nêle diàriamente, as horas a que saem e a que entram.

Mal comparado, é assim a modos



de uma subscrição para um funeral, onde há centenas de assinaturas com dez tostões cada uma. Por isso lhe chamei um livro póstumo, pois por sua causa muita gente tem ido para a rua. Eis a razão daquela maneira de dizer que tem o povo:

«Estive lá à horinha em ponto...»

O ponto é o livro.

Além dos empregados comerciais, também teem de estar em ponto, os guarda-freios, que teem até nove pontos, e os açúcares que devem ficar em ponto de rebuçado. Já o mesmo não acontece às costureiras que podem ficar em ponto aberto, e os farmacêuticos que se consolam com pontos naturais.

Mas há no comércio, um outro livro: o melhor, o mais acarinhado, um livro que se trás quási sempre chegado ao coração: é o *livro de cheques*.

E' um livro de judeus que hoje ninguém despreza. Nem o Hitler!... Cada uma das suas fôlhas é cuidadosamente numerada e assinada pelo autor.

Edição cuidada, encadernação em oiro, dir-se-á que êste pequenino livro, é a única bíblia por onde se guia a gente desta hora.

Bem sabemos que se não tiver uma capa suficientemente apresentada, ninguém dará nada por êle, porque não passará dum livro de cheques, sem cobertura. E neste caso, será como os livros comprados no Stand Lelo que dão direito a brindes: êste daria direito a uma viagem até à Africa.

Como vêem, de todos os livros que lhes tenho falado, minhas senhoras e meus senhores, é êste o único livro que não é postumo, porque é imprescindível nêle a assinatura do autor; às vezes sucede que, sem êle o saber, lho assinam; mas a isto chamam os livreiros de obras raras, uma imitação grosseira. Há outro livro ainda que não é postumo e que é sem dúvida o livro mais antigo do mundo. Não é como poderão imaginar, o «Tribunal dos Pequenos Delitos» ou a «Bíblia», ou a «Eneida».

Não, é o *livro do Destino*. Aquele que trás em cada fôlha escrita, a sorte de cada um; aquele que se lê de olhos fechados, e cujas linhas são escritas nas linhas das nossas mãos. Esse formidável poema com milhões de exemplares, todos diferentes, do qual são grosseiríssimas imitações as buenas-dichas e as grafologias.

Livro incomensurável que ninguém acaba de ler, e cuja última página é quási sempre o começo do prefácio.

Mas, perdão. Desculpem V. Ex.as que ia descambando para coisas quási serias, e eu não tenho o direito de o fazer. O encarregado das coisas serias da família é o meu irmão mais velho.

E' que eu não gôsto muito de brincar com o destino, porque êle às vezes vinga-se, e a gente não sabe nunca para que lado estará voltado.

Quando me ponho a olhar para a palma da minha mão esquerda, a tentar decifrar no livro da minha vida, o que quere dizer aquele *M* muito grande e perfeito que lá tenho, perco-me em conjecturas:

A linha da vida é grande, e bem até ao pulso... mas o *M* quer dizer Morte.

O' senhores: mas pode ser também a incial do meu nome: Monteiro, e da minha graça: Manha, e quem sabe até se a de qualquer outra palavra mais... mais palpável.

Por isso, rio-me de mim mesmo, e deito a mão para trás das costas. O meu destino quis hoje vos viesse aborrecer. E o destino de V. Ex.as foi aturar-me, mas que culpa tivemos nós que o Juliano Ribeiro não falasse sempre?... A um livro de Eça.

Mas se gostarem não voltem a ouvir-me. Quando eu voltar a conferenciar, recorram a um livro de Eça. O de Eça te livro eu...

E para terminar direi apenas:

O livro póstumo é aquele que o escritor nunca teve coragem de pôr na rua e que os herdeiros encontram incompleto numa gaveta.

A um livro póstumo, como é escrito depois de morto, pode-se-lhe chamar um *post-scrito*.

Ah! esquecia-me falar a V. Ex.as num outro livro. O verdadeiro livro, o *livrinho*. Tem apenas quarenta fôlhas, e é lido centenas de vezes na mesma noite. Tem bonitas ilustrações, lombada a côres, e diversas *cenas* interessantes. E' em prosa e em verso, porque também tem *quadras*. Fala de *reis*, de *condes* e *damas* nobres. Mete *duques* e tem episódios *ternos*. Serviu várias vezes na história de Portugal; por isso, as *quinas* lá andam à mistura com os mais valentes *dses* das nossas epopeias.

Este livro é igual ao de Mariana Alcoforado. E' todo em cartas... de jogar. Tenho dito.

J. d'A.